

SE03. 100 anos de Argonautas do Pacífico Ocidental: considerações sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano

Coordenação: Edilene Coffaci de Lima

Sessão 1

Participante(s): Levi Marques Pereira (UFGD), Mariana Ciavatta Pantoja Franco (UFAC), Tomás Henrique de Azevedo Gomes Melo (INRua)

Debatedor(a): Edilene Coffaci de Lima (UFPR)

Sessão 2

Participante(s): Edilene Coffaci de Lima (UFPR), Sonia Regina Lourenço (UFMT), Taisa Lewitzki (UFRN)

Debatedor(a): Levi Marques Pereira (UFGD)

Resumo:

Argonautas do Pacífico Ocidental, consagrada como a obra que inaugurou a antropologia moderna, completa 100 anos. As lições de Bronislaw Malinowski, sobretudo suas recomendações para a boa realização do trabalho de campo, são apresentadas em sua célebre introdução, leitura obrigatória em cursos introdutórios, e ecoam ainda hoje. Lá o autor preconizava a necessidade imperativa de longas temporadas em campo, domínio da língua nativa e anotações cotidianas sistemáticas, a elaboração do famoso diário de campo, entre outros tantos protocolos. Sem que seja preciso dar atenção ao fato de que a publicação de seu diário pessoal, em 1967, pôs por terra essa imagem romântica do trabalhador de campo solitário e incansável, muito mudou nesse primeiro século que agora se celebra: seja porque o mundo foi descolonizado; seja porque, em algumas situações, os nativos, de quaisquer partes, passaram a duvidar de nossos compromissos, de nossa ética; seja porque, outras vezes, nativos e pesquisadores tornaram-se parceiros e/ou amigos e alinharam-se em busca de objetivos comuns (demarcação de terras, apoio à educação escolar, ao atendimento à saúde, elaboração de livros e de projetos com objetivos variados, denúncias de arbitrariedades cometidas por toda parte e tantas outras demandas tornaram-se corriqueiras). A implicação no campo guiou e guia ativismos antropológicos, além da própria etnografia, a partir da qual se estabeleceu. Pretende-se com esse Simpósio Especial justamente debater sobre as transformações do trabalho de campo, que se mantém prevacente na definição da identidade dos profissionais de nossa disciplina.

Em campo, em sala: ideias a partir de uma licenciatura indígena

Autoria: Mariana Ciavatta Pantoja

Pretende-se nesta comunicação explorar a situação em que a sala de aula torna-se trabalho de campo para uma docente não indígena ao encontrar-se com discentes indígenas que, por sua vez, vão a campo justamente por nele viverem. A referência empírica é o curso de Licenciatura Indígena da UFAC, em Cruzeiro do Sul, no Acre, onde atuo desde 2017. Os discentes participam em sua formação de disciplinas que buscam interagir com suas realidades de vida nas comunidades em que vivem, e que propõem ao mesmo tempo o olhar distanciado do pesquisador, mas também culturalmente pleno de sentido ou familiar para quem é membro da comunidade indígena. A interculturalidade, pretendida e almejada, concretiza-se na prática das relações estabelecidas em sala de aula e nas apropriações que docente e discente fazem de conceitos e teorias que trazem para a conversa. Pesquisas são realizadas, trabalhos "escritos" em linguagens várias. A docente-antropóloga conhece a realidade indígena por intermédio dos/das discentes, ela não vai pessoalmente a campo. São os discentes-pesquisadores indígenas que em estando fisicamente no campo,

vão a campo; instauram seu campo de pesquisa, a conduzem e "escrevem" sobre a realidade pesquisada. À pesquisadora-docente a realidade lhe é apresentada, num contexto acadêmico, por aqueles que, lá vivendo, realizam pesquisas e as traduzem nos formatos aceitos, sob sua orientação. Pretende-se explorar este trânsito entre lugares e olhares, entre conceitos e (mais) conceitos; as relações, interações e tensões produzidas em sala de aula e no fazer acadêmico

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

